

Material digital do professor

Elaborado por Vanusa Maria de Melo

CIDINHA DA SILVA

Oh, margem! Reinventa os rios!

Elaboração do material digital: Vanusa Maria de Melo, mestra e doutoranda em Educação pela PUC-Rio, com pesquisas voltadas para experiências com literatura na educação escolar e não escolar.

Revisão: Mario Felix

Diagramação: Daniella Riet

Título: *Oh, margem! Reinventa os rios!*

Autora: Cidinha da Silva.

Gênero literário: crônica.

Definição do gênero: de modo geral, os contos são definidos como um gênero narrativo, de estrutura curta, que deve ter apenas um conflito, apresentando um momento de tensão comumente chamado de clímax. A crônica, por sua vez, é um gênero mais plural, pois não se apresenta usualmente apenas como narrativa, mas também pode ser argumentativa, poética, jornalista, entre outros tipos. Em comum, têm a área temática ligada ao cotidiano, a preferência por abordagens leves desses temas e a linguagem informal. Porém, essas marcas e limites entre os gêneros não são rígidas, sobretudo na literatura contemporânea.

Sumário

Carta ao professor p. 4

Proposta de atividade 1 p. 10

pré-leitura p. 10

leitura p. 15

pós-leitura p. 20

Proposta de atividade 2 p. 22

pré-leitura p. 22

leitura p. 26

pós-leitura p. 31

Aprofundamento p. 33

Sugestões de referências complementares p. 38

Bibliografia comentada p. 40

CARTA AO PROFESSOR

Professor,

A juventude de hoje, mais do que convidada, tem sido convocada a se posicionar sobre temas como: racismo, formas de violência contra a mulher, discriminação contra grupos minoritários. Mais do que o livre pensar, pressionam muitas vezes as disputas de narrativa, gerando posicionamentos conflitantes e falta de escuta. As redes sociais engrossam esse caldo.

A ideia de lugar de fala (RIBEIRO, 2018), muitas vezes entendida de modo equivocado, desperta maior interesse do que a necessária reflexão sobre lugares de escuta (SANTOS; TETTAMANZY, 2018). Diante desse quadro, é muito comum que os debates se fixem na ideia de que nem todo mundo pode discutir certos temas, o que gera desconforto, insegurança e animosidades.

E é diante desse quadro que o livro *Oh, margem! Reinventa os rios*, de Cidinha da Silva, torna-se fundamental. Nos contos e crônicas que compõem a obra, ora com humor crítico, ora com certa dramaticidade, a autora apresenta vários dos temas que levam os estudantes de Ensino Médio às inquietações que orientam os impasses de que estamos falando. Isso importa muito por ter um peso nas relações interpessoais, já que são escritos que necessariamente tocam nos temas que atravessam a juventude de alguma maneira.

De acordo com a BNCC, apesar de não podermos atribuir à escola o papel de corrigir as desigualdades, essa instituição pode ampliar as condições de inclusão social, (BNCC, 2017, p.462) e nos cabe perguntar como essa inclusão pode ocorrer plenamente sem que sejam feitos os necessários

debates sobre as situações que até hoje geram a exclusão de pessoas de vários grupos marginalizados. Para isso, o que a BNCC propõe é que possamos recriar a escola, a fim de que possa ser um ambiente favorável à discussão da realidade.

Se o objetivo é a constituição de uma escola preparada para formar jovens críticos, criativos, autônomos e responsáveis, proporcionar experiências que gerem aprendizagens voltadas para a leitura da realidade e para a tomada de decisões éticas (BNCC, 2017, p. 463), então *Oh, margem! Reinventa os rios!* tem uma enorme e valiosa contribuição a dar!

Cidinha da Silva publicou 17 livros, alguns dos quais premiados, distribuídos pelos gêneros crônica, conto, ensaio, dramaturgia, literatura infantil e juvenil e poesia. Suas crônicas mostram o olhar atento e afiado sobre o cotidiano e os contos demonstram essa mesma disposição, acrescidos do talento inventivo, que permite adensar a elaboração de personagens e a caracterização dos espaços.

Cidinha da Silva, autora de *Oh, margem! Reinventa os rios!*



Embora seu livro não trate apenas da temática racial, há uma forte dedicação a ela. Porém, a abordagem de Cidinha não se prende à denúncia de práticas racistas, ela mostra a diversidade e a riqueza da cultura negra, os muitos

e diversos corpos negros, cabelos distintos e diferentes modos de estar no mundo.

Além disso, é possível refletir sobre democracia, processos de leitura e escrita de literatura, diversidade cultural, processos culturais entre gerações, mudanças e políticas sociais e estereótipos.

A estrutura do livro, dividida em partes nomeadas por expressões que remetem à configuração de um rio (nascente, afluente, leito e foz) sugere uma divisão e permite uma boa discussão, na pré-leitura, sobre o título da obra. O vocativo colocado ao modo de uma interjeição, introduz um apelo às margens para que reinventem os rios. Assim, os elementos socialmente colocados à margem são alçados ao lugar de protagonistas no papel de reinventar os rios.

Essa divisão aponta para a organização de um cronograma de leitura que pode reservar uma semana para cada parte do rio, num total de quatro semanas, uma para cada parte. Considerando-se a possibilidade de se ter um mês para a etapa de pré-leitura e um mês para a etapa de pós-leitura, propomos que o projeto seja realizado durante um trimestre.

O conto que inicia a primeira parte, intitulado “Thriller”, anuncia uma sequência cinematográfica que parece anunciar um desfecho trágico, mas, pelas mãos de um pipoqueiro, Onilê, o protagonista, não irá sucumbir. É assim que se encerra o conto que abre a **Nascente** desse rio, como a marcar a analogia da história como fonte das águas e da esperança de vida.

Na parte **Afluentes**, os textos colocam em desfile personagens da cultura afro-brasileira, além do músico nigeriano Fela Kuti, como a mostrar que esses rios afluentes se conectam ao rio da negritude.

Em **Leito**, os escritos colocam em questão estereótipos de masculinidade e acrescentam ingredientes de nostalgia.

Entre os personagens, há os que saem da imaginação da autora e os outros, aqueles os quais a cronista fotografou pelo Brasil e fora dele, como ocorre na crônica “Fela Kuti na Broadway”. Nela, a geografia de Manhattan renderá certamente conteúdos que poderão conversar com a disciplina Geografia. Os demais são: Wilson Simonal, intérprete de vários sucessos dos anos 1970; a funkeira leitora Luli Arrancatella, em uma entrevista ficcional concedida à jornalista Cidinha da Silva; e Evaldo Braga, com sua canção símbolo de uma época — “A cruz que carrego” —, texto interessante para relacionar à trajetória de vida do artista que se autodenominava “ídolo negro”.

Merecem destaque os textos que permitem refletir sobre a criação literária, tema caro à autora, que muitas vezes discute questões que tocam em processos criativos e outras que dizem respeito a ser autora negra. Muitas dessas reflexões estiveram presentes num programa on-line, transmitido pelo canal Jornalistas Livres do YouTube (<https://www.youtube.com/channel/UCjwyfg7vfsScSPfzPyWkEUG>).

A crônica “As latinhas” é um bom exemplo disso. Nela, a narradora, inquieta com a solicitação de uma crônica sobre datas comemorativas feita por sua editora, não consegue deixar de pensar nas pessoas que catam latinhas pela cidade. O que se desenrola após a constatação do incômodo é uma narrativa que mostra o quanto os limites entre crônica e conto são tênues. É impossível não nos lembrarmos da lição de Mario de Andrade quando dizia que “conto é tudo aquilo que o autor chamar de conto”. Humberto Werneck reivindica essa afirmação para a crônica também, na apresentação

de livro de contos da série “Boa companhia” (WERNECK, 2005, 7), da editora Companhia das Letras, também disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/detalhe/trecho.php?codigo=11883>

Acerca da discussão sobre o gênero literário crônica, é pertinente pensar sobre a tradição de sua veiculação no Brasil, que, se é forte na atualidade, viveu também dias bastante intensos no século XX. Fernando Sabino e Rubem Braga são imediatamente lembrados quando o tema surge, e representaram fortemente essa tradição. Não à toa, Paulo Roberto Pires, em artigo publicado na revista *Quatro cinco um* — “Exclusão crônica” — afirma serem os cronistas de então “homens brancos que vivem de frente para o mar”. Nesse sentido, Cidinha da Silva é parte de outra tradição, inaugurada já por Lima Barreto no século passado, que propõe pontos de vista outros, com “olhos de ver” muitas outras paisagens e realidades além do mar. Que pode, inclusive, estar dentro dessas paisagens, integrando-a.

Pires retoma a famosa “A última crônica”, de Fernando Sabino, para evidenciar seu argumento. Para ele, a surpresa do cronista sem inspiração, em busca do tema perdido, diante de uma família de pessoas negras divertindo-se num bar, é sintoma de uma cultura que não aceitava o protagonismo negro. Lidos em relação a textos como esse, os de *Oh, Margem! Reiventa os rios!* explicitam a exclusão de que o artigo de Paulo Roberto Pires fala.

Para sintetizar as ideias apresentadas de modo sistemático, podemos sugerir uma divisão temática da obra do seguinte modo:

☞ **Diversidade cultural**, com privilégio de elementos culturais negros africanos, afro-brasileiros e afro-americanos e periféricos.

☞ **Diálogo intertextual e ampliação de repertório sociocultural**, com referências às artes visuais, música, teatro, dança e criação literária.

☞ **Diálogos intergeracionais**, em que os sujeitos jovens e os mais velhos expressam suas percepções de mundo.

☞ **Interseccionalidade**, quando busca mostrar tensões entre as desigualdades que dividem os grupos sociais, mostrando aproximações entre raça, gênero e classe.

Feitos esses apontamentos iniciais, vejamos como explorar o potencial da obra.

PROPOSTA DE ATIVIDADES 1

Os textos curtos que integram a obra e sua linguagem direta e clara são pontos que certamente despertarão o interesse dos jovens leitores. Será uma oportunidade de entrar em um universo da observação crítica das realidades apresentadas com prazer e atenção.

Os principais temas presentes na obra são: inquietações da juventude, vulnerabilidades dos jovens, bullying, respeito às diferenças e cidadania. Sendo assim, destacam-se as seguintes **competências gerais da BNCC** na proposta de trabalho com o livro:

-  1. Valorização de conhecimentos historicamente constituídos;
-  3. Fruição de manifestações culturais diversas;
-  6. Valorização da diversidade cultural;
-  7. Argumentação crítica e autônoma;
-  8. Busca de autoconhecimento e autocuidado;
-  9. Empatia e cooperação;
-  10. Responsabilidade, autonomia e resiliência.

Pré-leitura

1 A obra requer, desde seu título, leitura crítica. Por isso, sugerimos a elaboração de um diário pessoal de leitura no qual os estudantes leitores poderão anotar suas percepções de leitura. Pode ser feito um diário comparativo entre as leituras que forem sendo realizadas e notícias veiculadas pela mídia que estejam relacionadas às temáticas abordadas nos contos e nas crônicas. O ponto de partida pode ser o título do livro e a estruturação do sumário. Pode-se

solicitar que sejam adicionados ao caderno recortes de imagens ou manchetes de matérias jornalísticas ou mesmo breves textos próprios sobre esses elementos pré-textuais.

2 Para atender a outro eixo importante da obra e debater a concepção de escrevivência e a imagem da margem que contamina o centro, sugerimos a leitura de uma entrevista com Conceição Evaristo ao *Nexo Jornal*, em que a escritora fala sobre o conceito de escrevivência, com destaque para os seguintes trechos:

[...]

O que é interessante é que, como essa geração mais nova tem conseguido se organizar para publicar, mesmo de forma alternativa, você vê que essas publicações acabam tendo visibilidade. Tem muitos pesquisadores, muita gente do “centro”, interessada nessa literatura chamada de marginal, e que já tem acesso a esse material.

Vemos essa produção criada na margem contaminando o centro. Não tem mais como, o centro não fica mais imune a essa produção. Se ficar, está perdendo o bonde da história, tendo uma visão mutilada da diversidade da literatura brasileira.

[...]

Você criou o conceito de ‘escrevivência’, que é algo muito importante no seu fazer literário. O que é a escrevivência?

Quando falei da escrevivência, em momento algum estava pensando em criar um conceito. Eu venho trabalhando com esse termo desde 1995 – na minha dissertação de mestrado, várias vezes fiz um jogo com o vocabulário e as ideias de escrever, viver, se ver. Usei “escrevivência” pela primeira vez em uma mesa de escritoras negras no seminário “Mulher e Literatura”.

[...]

[A escrevivência] seria escrever a escrita dessa vivência de mulher negra na sociedade brasileira. Eu acho muito

difícil a subjetividade de qualquer escritor ou escritora não contaminar a sua escrita. De certa forma, todos fazem uma escrevivência, a partir da escolha temática, do vocabulário que se usa, do enredo a partir de suas vivências e opções. A minha escrevivência e a escrevivência de autoria de mulheres negras se dá contaminada pela nossa condição de mulher negra na sociedade brasileira.

Toda minha escrita é contaminada por essa condição. É isso que formata e sustenta o que estou chamando de escrevivência.

[...]"

Fonte: *Conceição Evaristo: 'minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra'*, *Nexo Jornal* em 26 de maio de 2017.

3 Propor aos estudantes leitores a observação de um momento ou espaço com olhar de cronista, definido por Ricardo Chicarelli da seguinte forma: “Escrever crônicas exige um olhar especial para a realidade. Os eventos que podem gerar pequenas histórias passam pela maioria das pessoas sem serem notados, mas não passam despercebidos ao cronista. Talvez eles tenham antenas especiais ou um zoom adaptado aos olhos de forma que tudo se aproxima [...]”. Com a missão de procurar olhar uma realidade escolhida com zoom ou “com olhos de ver”, expressão de Cidinha da Silva, os estudantes deverão participar de uma roda de “troca de olhares”, na qual possam relatar suas percepções e ouvir as dos colegas. Pode ser interessante combinar de dois ou mais estudantes observarem as mesmas situações ou ambientes, para que as diferenças dos pontos de vista possam ser destacadas. (Fonte: <https://www.folha-delondrina.com.br/folha-2/olhar-de-cronista-965614.html#:~:text=Escrever%20cr%C3%B4nicas%20exige%20um%20olhar%20especial%20para%20a%20realidade.&text=Fala%20de%20coisas%20triviais%20como,verdade%20e%20come%C3%A7a%20a%20fic%C3%A7%C3%A3o.>)

4 Cidinha da Silva costuma usar uma expressão brasileira em substituição à conhecida “brainstorm” (tempestade de ideias): toró de ideias. Duas ações podem ser inspiradas nessa brincadeira linguística: a primeira diz respeito à própria diversidade linguística, com uma discussão sobre os usos dos estrangeirismos. A outra é o empreendimento de um toró de ideias, nesse caso sobre as sugestões de como as margens podem reinventar os rios, explorando os sentidos figurados sugeridos.

✂ Competências gerais da BNCC: 1, 7 e 8.

Nas atividades de pré-leitura sugeridas, os itens 2 e 3 atendem à **competência geral 1 [EM13LP23]** da BNCC, que diz respeito à valorização dos conhecimentos historicamente constituídos. A **competência geral 3 [EM13LP24]**, ligada à fruição de manifestações culturais diversas, é atendida pelos itens 2 e 5. A **6ª competência [EM13LP49]**, da valorização da diversidade cultural, tem destaque no item 2. Os itens 1, 2, 3 e 5 promovem a argumentação da **competência 7 [EM13LP10]**, enquanto o autocuidado e o autocohecimento, da **8ª competência**, são possibilitados no item 1. Nos itens 4 e 5 estão em evidência as **competências 9 e 10 [EM13LP26]**, vinculadas à empatia e cooperação e também à responsabilidade, empatia e resiliência, respectivamente.

EM13LP23

Analisar criticamente o histórico e o discurso político de candidatos, propagandas políticas, políticas públicas, programas e propostas de governo, de forma a participar do debate político e tomar decisões conscientes e fundamentadas.

EM13LP24

Analisar formas não institucionalizadas de participação social, sobretudo as vinculadas a manifestações artísticas, produções culturais, intervenções urbanas e formas de expressão típica das culturas juvenis que pretendam expor uma problemática ou promover uma reflexão/ação, posicionando-se em relação a essas produções e manifestações.

EM13LP49

Perceber as peculiaridades estruturais e estilísticas de diferentes gêneros literários (a apreensão pessoal do cotidiano nas crônicas, a manifestação livre e subjetiva do eu lírico diante do mundo nos poemas, a múltipla perspectiva da vida humana e social dos romances, a dimensão política e social de textos da literatura marginal e da periferia etc.) para experimentar os diferentes ângulos de apreensão do indivíduo e do mundo pela literatura.

EM13LP10

Analisar o fenômeno da variação linguística, em seus diferentes níveis (variações fonético-fonológica, lexical, sintática, semântica e estilístico-pragmática) e em suas diferentes dimensões (regional, histórica, social, situacional, ocupacional, etária etc.), de forma a ampliar a compreensão sobre a natureza viva e dinâmica da língua e sobre o fenômeno da constituição de variedades linguísticas de prestígio e estigmatizadas, e a fundamentar o respeito às variedades linguísticas e o combate a preconceitos linguísticos.

EM13LP26

Relacionar textos e documentos legais e normativos de âmbito universal, nacional, local ou escolar que envolvam a definição de direitos e deveres - em especial, os voltados a adolescentes e jovens - aos seus contextos de produção, identificando ou inferindo possíveis motivações e finalidades, como forma de ampliar a compreensão desses direitos e deveres.

Leitura

1 Após a leitura coletiva da carta de Maria Valéria Rezende, que abre o livro, e do prefácio de Paulo Scott, a turma pode ser dividida em grupos que poderão se responsabilizar pelas partes do livro: **Nascente**, **Afluente**, **Leito** e **Foz**. Os grupos deverão listar os eixos temáticos presentes em cada parte, de acordo com a divisão. Devem apontar também:

-  Personagens históricas presentes nos textos.
-  Artistas e manifestações artísticas presentes nos textos.
-  Contextos sociais e ambientes que servem de cenários, evidenciando as marcas geográficas observáveis.
-  Manifestações culturais valorizadas.

✎ Competências gerais da BNCC: 1, 3, 6, 7 e 9. [EM13LP45]

2 Alguns textos do livro (as crônicas “O dia que o livro foi traje de gala”, “Prisioneiro” e “Musashi e Spider” e o conto “Luli Arrancatelha: modelo, manequim e funkeira”) compõem um eixo temático voltado para a reflexão sobre livros, leitura e escrita.

“O dia que o livro foi traje de gala” conta sobre certo dia em que as pessoas saíram “vestidas” com um livro de sua escolha para um exercício de cidadania. Nesse texto, o livro é apresentado como uma oposição às situações em que é visto como imposição e opressão. Pensar a leitura como escolha e não como imposição é uma boa possibilidade aqui. Pode-se trabalhar com a proposta de Antonio Candido, que entendia a literatura como direito humano, ideia explicitada na crônica. A escritora colombiana Silvia Castrillón escreveu o livro

O direito de ler e de escrever, tendo lido o ensaio de Antonio Candido “O direito à literatura”.

Em “**Luli Arrancatella**”, a jovem funkeira conta em entrevista que lê a poesia que sua prima escreve. E aprecia. A poesia da prima de Luli remete ao conceito de escrevivência já mencionado. No conto, Cidinha da Silva joga com elementos da realidade, a prima de Luli Arrancatella é a poeta Maria Tereza Moreira de Jesus, os livros mencionados são de sua autoria.

Processos subjetivos envolvidos no ato de ler estão especialmente presentes em “**Musashi e Spider**”, além do papel da escrita, através do registro de um episódio em que um escritor enfatiza ser sua literatura algo que não existe para “fazer amigos”, mas para inquietar.

As reflexões estimuladas por esses textos podem render boas conversas sobre processos de leitura e escrita e sobre o papel da leitura literária na vida dos estudantes leitores.

✂ Competências gerais da BNCC: 7 e 10. [EM13LP27]

3 Ambientes, temas e personagens periféricos muitas vezes estiveram à margem da literatura canônica, e também de outras manifestações artísticas. Novamente, o título do livro nos estimula a pensar na força desses elementos, que já há algum tempo colaboram para que os rios sejam reinventados. E, apesar de ser inegável haver violência nesses contextos, não se pode negar também que as periferias não podem ser vistas apenas sob esse aspecto. Nesse sentido, alguns dos textos da obra provocam um olhar outro sobre as periferias.

A crônica “**Construção**” ilustra muito bem o olhar amplo sobre as periferias. Um dos elementos predominantes

no texto é o sentido do “bater laje” para a vida das pessoas. Encontros de solidariedade e trabalho, mas também de confraternização, as reuniões para bater laje constituem um mutirão para que amigos e vizinhos, em rede de apoio, participem do processo de colocar laje na casa de alguém. Cabe a leitura do artigo “Sobre bater laje e a importância da rede de apoio na prática do autocuidado”, de Elânia Francisca. A fotografia de um evento do tipo em casa da família da colunista, disponível no site <https://www.uol.com.br/vivabem/colunas/elania-francisca/2020/08/07/bater-laje-uma-reflexao-sobre-rede-de-apoio-e-autocuidado.htm>, é um excelente material visual.

Também em “**O carnaval**” temos uma boa oportunidade de visitar a periferia. Veja-se que o ambiente não é descrito desse modo, nem mesmo a palavra subúrbio é empregada, mas a caracterização, os quintais, os portões e as condições de urbanização — com potencial para serem analisadas interdisciplinarmente com a Geografia — permitem identificar o local. A crônica traz também um ingrediente nostálgico em torno de um carnaval brincado em comunidade, com os “assaltos” às casas. Para vincular essa leitura à história do país, é pertinente dar atenção ao fato de, em 1970, o prefeito da cidade ter acabado com os blocos humorísticos, sempre cheios de crítica. Apesar de não ser citado o nome, percebe-se que se trata de Porto Alegre, pois há menção à Praça Garibaldi e à Rua Venâncio Aires, entre outras da cidade.

✂ **Competências gerais da BNCC: 1, 3, 6, 7, 8 e 9. [EM13LP23]**

4 Aprendizagens intergeracionais saltam das páginas de *Oh, margem! Reinventa os rios!* Nesse sentido, destaca-se a crônica “**A benzedeira**”.

Nesse texto, temos contato com elementos da cultura com raízes africanas e indígenas, muitas vezes desconhecida. A

menção à cobreira e à “criança aguada” pode suscitar conversas produtivas entre jovens e pessoas mais velhas de suas famílias.

Recomenda-se assistir ao vídeo *Sente o tambor* (duração de 1 minuto e meio), no canal <https://www.youtube.com/watch?v=I2WTcqnCW6I>. Depois disso, proponha aos estudantes que realizem uma entrevista com o membro mais velho de sua família, na qual contem histórias especiais. Pode ser feito um roteiro em grupo para realizar a tarefa.

✧ Competências gerais da BNCC: 3, 7, 9 e 10. [EM13LP16]

5 Diferentemente da imagem do homem branco olhando o mar, utilizada por Paulo Roberto Pires, para definir o cronista (ver item “Carta ao professor” deste material digital), as crônicas de Cidinha da Silva não parecem ser fruto de uma observação distante. Em muitas delas há uma interlocução narrada, interferências mútuas entre personagens, trocas que extrapolam o olhar e que mostram a observação feita de corpo inteiro, e de dentro. Nesse sentido, proponha a seleção de trechos das crônicas que revelem a ocupação desse lugar de dentro pela cronista.

✧ Competência geral da BNCC: 7. [EM13LP01]

6 Sobre os contos, circula uma metáfora criada pelo escritor argentino Julio Cortázar, um apaixonado por ringues de boxe: “[em um] combate travado entre um texto apaixonante e seu leitor, o romance sempre ganha por pontos, enquanto o conto deve ganhar por nocaute.”

A imagem criada pelo escritor salienta um traço do gênero que se liga, ao mesmo tempo, à duração breve do conto e ao seu efeito, no susto, certo, com poucas brechas processuais mais lentas. Obviamente, isso não é regra universal e os gêneros não se delimitam de modo tão exato, já vimos

isso. Mas a analogia é interessante para darmos atenção a esse ritmo vertiginoso quase sempre empregado nessa arte, que nocauteia o leitor.

Essa é uma discussão que se liga à forma e não deixa de ter importância, embora as discussões temáticas fortíssimas nos ocupem muito mais, em função do trabalho em torno das inquietações da juventude, das vulnerabilidades dos jovens, do bullying e da necessária reinvidicação de respeito às diferenças e da construção da cidadania. Mas a forma também compõe esse quadro estético que ora observamos.

Sendo assim, proponha aos estudantes que encontrem pistas do gênero que vence por nocaute. É possível que tal ritmo também se faça notar em crônicas argumentativas. É um bom momento para discutir limites e possibilidades dos gêneros do livro.

✎ Competências gerais da BNCC: 1, 3 e 7. [EM13LP02]

EM13LP45

Analisar, discutir, produzir e socializar, tendo em vista temas e acontecimentos de interesse local ou global, notícias, fotodenúncias, fotorreportagens, reportagens multimidiáticas, documentários, infográficos, podcasts noticiosos, artigos de opinião, críticas da mídia, vlogs de opinião, textos de apresentação e apreciação de produções culturais (resenhas, ensaios etc.) e outros gêneros próprios das formas de expressão das culturas juvenis (vlogs e podcasts culturais, gameplay etc.), em várias mídias, vivenciando de forma significativa o papel de repórter, analista, crítico, editorialista ou articulista, leitor, vlogueiro e booktuber, entre outros.

EM13LP27

Engajar-se na busca de solução para problemas que envolvam a coletividade, denunciando o desrespeito a direitos, organizando e/ou participando de discussões, campanhas e debates, produzindo textos reivindicatórios, normativos, entre outras possibilidades, como forma de fomentar os princípios democráticos e uma atuação pautada pela ética da responsabilidade, pelo consumo consciente e pela consciência socioambiental.

EM13LP23

Analisar criticamente o histórico e o discurso político de candidatos, propagandas políticas, políticas públicas, programas e propostas de governo,

de forma a participar do debate político e tomar decisões conscientes e fundamentadas.

EM13LP16

Produzir e analisar textos orais, considerando sua adequação aos contextos de produção, à forma composicional e ao estilo do gênero em questão, à clareza, à progressão temática e à variedade linguística empregada, como também aos elementos relacionados à fala (modulação de voz, entonação, ritmo, altura e intensidade, respiração etc.) e à cinestesia (postura corporal, movimentos e gestualidade significativa, expressão facial, contato de olho com plateia etc.).

EM13LP01

Relacionar o texto, tanto na produção como na leitura/escuta, com suas condições de produção e seu contexto sócio-histórico de circulação (leitor/audiência previstos, objetivos,

pontos de vista e perspectivas, papel social do autor, época, gênero do discurso etc.), de forma a ampliar as possibilidades de construção de sentidos e de análise crítica e produzir textos adequados a diferentes situações.

EM13LP02

Estabelecer relações entre as partes do texto, tanto na produção como na leitura/escuta, considerando a construção composicional e o estilo do gênero, usando/reconhecendo adequadamente elementos e recursos coesivos diversos que contribuam para a coerência, a continuidade do texto e sua progressão temática, e organizando informações, tendo em vista as condições de produção e as relações lógico-discursivas envolvidas (causa/efeito ou consequência; tese/argumentos; problema/solução; definição/exemplos etc.).

Pós-leitura

1 Em seu texto de abertura do livro, a escritora Maria Valéria Rezende escolhe o gênero carta para se dirigir diretamente à Cidinha da Silva e também fazer alguns comentários sobre a obra.

Propomos que, a exemplo do que Maria Valéria Rezende fez, os estudantes escrevam cartas à autora, nas quais possam expressar de que modo os textos de *Oh, margem! Reinventa os rios!* lhes sensibilizaram. As cartas podem inclusive ser enviadas, uma vez que Cidinha da Silva movimentava suas redes sociais com constância, o que facilita o acesso a ela.

✎ Competências gerais da BNCC: 3, 6 e 7. [EM13LP44]

2 É muito mais comum a valorização dos desfechos do que os caminhos narrativos dos contos. Parece ser interessante conversar sobre a força dos desfechos e comparar opções da literatura contemporânea, muitas vezes com finais em aberto, com narrativas de outras tradições.

De todo modo, é interessante propor a interferência nos contos lidos, escolhendo um deles para escrever um desfecho novo. A essa atividade, deve se seguir uma roda de comentários sobre as escolhas de cada estudante.

✧ Competência geral da BNCC: 7. [EM13LP53]

3 O Museu da Pessoa é virtual e colaborativo. Nele, encontram-se exposições de fotografias de pessoas, com o objetivo de fazer com que cada história de vida seja entendida como um patrimônio da humanidade. Seu acervo reúne incontáveis narrativas em fotografia e vídeos no endereço: <https://museudapessoa.org/>. Proponha que os estudantes conheçam as estratégias do Museu e que, em seguida, montem uma exposição dos personagens reais dos contos e das crônicas do livro. As imagens podem ser recolhidas em sites da internet.

✧ Competências gerais da BNCC: 3, 5, 6 e 7. [EM13LP53]

EM13LP44

Analisar formas contemporâneas de publicidade em contexto digital (advergame, anúncios em vídeos, social advertising, unboxing, narrativa mercadológica, entre outras), e peças de campanhas publicitárias e políticas (cartazes, folhetos, anúncios, propagandas em diferentes mídias, spots, jingles etc.), identificando valores e representações de situações, grupos e configurações sociais veiculadas, desconstruindo estereótipos, destacando estratégias de engajamento e viralização e explicando os mecanismos

de persuasão utilizados e os efeitos de sentido provocados pelas escolhas feitas em termos de elementos e recursos linguístico-discursivos, imagéticos, sonoros, gestuais e espaciais, entre outros.

EM13LP53

Produzir apresentações e comentários apreciativos e críticos sobre livros, filmes, discos, canções, espetáculos de teatro e dança, exposições etc. (resenhas, vlogs e podcasts literários e artísticos, playlists comentadas, fanzines, e-zines etc.).

PROPOSTA DE ATIVIDADES 2

Pré-leitura

1 Um livro começa a ser lido antes de ser lido. O contato tátil com o volume, a exploração das partes que o compõem, o cheiro: são inúmeras as histórias de encantamento pelo livro ainda fechado, em sua capa, cores e texturas.

Convide os estudantes leitores a apreciarem essas sensações ao conhecer *Oh Margem! Reinventa os rios!* Comente sobre a importância de ler as partes pré-textuais do volume: capa, quarta capa, lombada. Conclua esse momento em roda, na qual todos possam expressar as sensações experimentadas e as informações lidas. Se possível, sugira que eles mostrem livros cujas capas lhes chame atenção. Nessa atividade, experiências como essa poderão contribuir para as aprendizagens.

✂ Competências gerais da BNCC: 1, 7 e 8. [EM13LP12]

2 Partindo da estruturação das partes do livro, proponha a elaboração e um mapa do rio desenhado pelo livro. Os títulos dos contos e crônicas deverão compor esse desenho, que pode ser feito a mão ou com utilização de recursos digitais. Vale a pena contar com a parceria do professor de geografia nesta atividade.

✂ Competências gerais da BNCC: 3, 6 e 7. [EM13LP16]

3 Assistir ao vídeo “O perigo da história única”, de Chimamanda Ngozi Adichie, cujo conteúdo textual pode ser encontrado no Portal Geledés, disponível em: <https://www.geledes.org.br/chimamanda-adichie-o-perigo-de-uma-unica-historia/> (Acesso em 28 fev de 2021).

O vídeo pode ser acessado em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br

Após debate livre sobre o vídeo, apresentar algumas perguntas para direcionar as análises:

👉 Como a noção de **estereótipo** aparece no discurso da escritora nigeriana?

👉 É possível pensar em **cultura hegemônica** a partir do vídeo?

👉 O que podemos entender no trecho “e que está determinada a contar as **histórias** que nós preferimos esquecer?”

Pode-se propor a audição do samba enredo da escola de samba Estação Primeira de Mangueira de 2019, “Histórias para ninar gente grande”, dos compositores Tomaz Miranda, Ronie Oliveira, Márcio Bola, Mamá, Deivid Domênico e Danilo Firmino. Uma leitura em que se valorizem os conhecimentos historicamente construídos (competência 1) é fundamental nessa etapa e preparará o momento da leitura. Pode-se contar com a parceria das disciplinas de história e sociologia nesta atividade.

✎ Competências gerais da BNCC: 1 e 3. [EM13LP15]

4 Há, no conjunto da Música Popular Brasileira, muitas canções que têm como tema o rio. Sugerimos que os estudantes façam uma lista dessas canções e que pelo menos três delas possam ser fruídas, para que percebam de que modo esse personagem aparece no imaginário dos compositores. A seguir, apresentamos alguns exemplos, entre muitos: “O ciúme” (Caetano Veloso), “O Rio de Piracicaba” (Tião Carreiro e Pardinho), “O Rio” (Arnaldo Antunes, Carlinhos Brown, Marisa Monte e Seu Jorge) e “Amazonas, o Eldorado é aqui”,

samba-enredo da Escola de Samba Acadêmicos do Grande Rio em 2006 (Gilbertinho, Márcio das Camisas, Mariano Araújo e Professor Elísio). Se sua escola contar com professor de educação musical, peça ajuda a ele nesta atividade.

✎ Competências gerais da BNCC: 3 e 6. [EM13LP19]

5 É importante conhecer alguns posicionamentos da autora sobre os temas com que ela lida em sua obra. Um vídeo produzido pela Fundação Itaú Cultural, em 2017, pode colaborar para suprir essa necessidade. Antes da exibição do vídeo, promova um diálogo sobre o que ela chama de reinvenção dos modos de exercer o racismo, em que se busque concordar ou discordar do argumento da escritora com exemplos concretos observados no cotidiano dos estudantes e na mídia. Solicite a parceria do professor de sociologia nesta proposta. (“Diálogos ausentes”, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=19f9YWSltE>)

✎ Competências gerais da BNCC: 1, 2, 7, 8 e 10. [EM13LP26]

EM13LP12

Selecionar informações, dados e argumentos em fontes confiáveis, impressas e digitais, e utilizá-los de forma referenciada, para que o texto a ser produzido tenha um nível de aprofundamento adequado (para além do senso comum) e contemple a sustentação das posições defendidas.

EM13LP16

Produzir e analisar textos orais, considerando sua adequação aos contextos de produção, à forma composicional e ao estilo do gênero em questão, à clareza, à progressão temática e à variedade linguística empregada, como também aos elementos relacionados à fala (modulação de voz, entonação, ritmo, altura e intensidade, respiração etc.) e à cinestesia (postura corporal, movimentos e gestualidade significativa, expressão facial, contato de olho com plateia etc.).

EM13LP15

Planejar, produzir, revisar, editar, reescrever e avaliar textos escritos e multissemióticos, considerando sua adequação às condições de produção do texto, no que diz respeito ao lugar social a ser assumido e à imagem que se pretende passar a respeito de si mesmo, ao leitor pretendido, ao veículo e mídia em que o texto ou produção cultural vai circular, ao contexto imediato e sócio-histórico mais geral, ao gênero textual em questão e suas regularidades, à variedade linguística apropriada a esse contexto e ao uso do conhecimento dos aspectos notacionais (ortografia padrão, pontuação adequada, mecanismos de concordância nominal e verbal, regência verbal etc.), sempre que o contexto o exigir.

EM13LP19

Apresentar-se por meio de textos multimodais diversos (perfis variados, gifs biográficos, biodata, currículo web, videocurrículo etc.) e de ferramentas digitais (ferramenta de gif, wiki, site etc.), para falar de si mesmo de formas variadas, considerando diferentes situações e objetivos.

EM13LP26

Relacionar textos e documentos legais e normativos de âmbito universal, nacional, local ou escolar que envolvam a definição de direitos e deveres - em especial, os voltados a adolescentes e jovens - aos seus contextos de produção, identificando ou inferindo possíveis motivações e finalidades, como forma de ampliar a compreensão desses direitos e deveres.

Leitura

1 O livro de Cidinha da Silva abarca discussões temáticas bastante diversificadas, porém o grande tema negritude e seus subtemas representam uma questão central não apenas no livro em pauta, mas na obra de Cidinha da Silva. Desse modo, é pertinente introduzir um debate sobre a afiliação estética de seus escritos. Para isso, sugerimos uma abordagem conceitual trazida por Cuti (2010), em que o estudioso discute diferenças e especificidades entre as noções: literatura afro-brasileira e negro-brasileira, sendo esta a que autores negros, reconhecendo-se como tais, tematizam questões pertinentes às histórias e as condições de se viver no mundo das pessoas negras. Aquela, ao manter o afixo “afro” em sua estrutura, não necessariamente inclui o ser negro, pois é possível ser “afro” e não ser negro. Além disso, mantém um vínculo com o continente africano, nesse caso não colocado em toda a sua complexidade e diversidade, ainda por um viés colonial. Sendo assim, a partir da vinculação ideológica percorrida por Cuti, propõe-se discutir o engajamento da autora de *Oh, margem! Reinventa os rios!* quanto às duas concepções referidas.

✎ Competências gerais da BNCC: 1, 6, 7. [EM13LP13]

2 Seguindo a abordagem sobre negritude fincada em raízes históricas do país, propomos aqui a exibição do filme *Menino 23*. Deverá ser realizado um cine debate no qual se evidenciem os entrelaçamentos das relações entre o conteúdo do filme e do livro. A parceria com o professor de história será preciosa nesta atividade. (Fonte: [https://www.menino-23.com.br/menino-23/](https://www.menino23.com.br/menino-23/))

✎ Competências gerais da BNCC: 1, 3, 7, 9 e 10. [EM13LP52]

3 Não é apenas pelo viés da discriminação e dos sofrimentos causados pelo racismo que o livro apresenta os subtemas ligados à negritude, pois também se vê a celebração da diversidade e das culturas. Proponha uma problematização da expressão “lápis cor de pele”. Através dessa problematização, estabeleça um diálogo com as artes visuais. Se possível, utilize lápis de cor ou gizes de cera fabricados com a intenção de representar os muitos tons de pele que colore os brasileiros, dos mais claros aos mais escuros, para criar desenhos representativos da diversidade brasileira. Solicite que os estudantes relacionem essa criação à crônica “São três os meninos da minha rua”. Solicite o auxílio dos professores de artes e sociologia para a realização desta atividade.

✂ Competências gerais da BNCC: 1, 2, 3, 4, 7, 9 e 10. [EM13LP19]

4 A obra em pauta prestigia a chamada interseccionalidade, pois debate sobre negritude e seus subtemas. Proponha que seja feita uma busca na internet sobre obras literárias contemporâneas que privilegiem o tema das masculinidades e peça que elaborem uma lista, estimulando os estudantes a conhecerem as obras. Alguns exemplos: livro de contos *Eles* (Vagner Amaro), livro de contos *Gosto de amora* (Mário Medeiros) o romance *Nada digo de ti que em ti não veja* (Eliaana Alves Cruz). Indicar o conto “**Construção**”. Convide o professor de sociologia para se somar à essa discussão.

✂ Competências gerais da BNCC: 3, 7, 9 e 10. [EM13LP51]

5 Somado às discussões sobre diversidades, está o debate de classe. Para esse tópico vários textos colaboram, com destaque para as crônicas “Ônibus especial” e “Vocês não estão me ouvindo”. Nesta atividade, propomos

a exibição do filme *Que horas ela volta* (Ana Muylaert) para motivar debates. A atividade mais relacionada à segunda crônica mencionada será descrita no próximo item. Este debate será enriquecido com a participação com o profissional de sociologia.

✧ Competências gerais da BNCC: 1, 3, 7, 9 e 10. [EM13LP52]

6 No conto “Solidariedade”, um equívoco gera um efeito cômico proporcionado por uma visão estereotipada de uma pessoa negra, ainda que colocada de modo positivo. Poliana vê uma moça negra deslocada e, solidária, esforça-se para minimizar seu desconforto. O desfecho mostra que o motivo era outro. Para compreender de que modo o engano explicita uma visão estereotipada, proponha que comparem e conversem sobre as semelhanças entre o enredo do conto e o seguinte texto de Rosa Montero, publicado originalmente no jornal *El país*. (Fonte: <https://ceert.org.br/noticias/outros/2053/artigo-o-negro>)

✧ Competências gerais da BNCC: 1, 3, 4, 7, 9 e 10. [EM13LP03]

7 A cultura afro-americana, explorada na crônica *Fela Kuti na Broadway*, vai ao encontro da BNCC, quando se declara a importância da língua inglesa para que se abram “possibilidades de aproximação e integração com grupos multilíngues e multiculturais no mundo global – contanto que estes saibam se comunicar em inglês –, com diferentes repertórios linguístico-culturais” (p. 476). O estudante não aprenderá inglês nessa leitura, é evidente. Mas o contato com elementos culturais estadunidenses contribui para que entenda a importância para sua integração social. Circulam pela crônica a geografia de Manhattan, as culturas das superproduções da Broadway e outros elementos artísticos.

Proponha uma retomada do item 1 da **atividade I**, para relembrar Fela Kuti e solicite que seja feita uma busca na internet de imagens de Manhattan e de locais mencionados na crônica. A participação do professor de língua inglesa pode enriquecer esta atividade.

✧ Competências gerais da BNCC: 1, 3 e 6. [EM13LP29]

8 A partir da crônica “Construção”, propor um levantamento de comportamentos e ideias que passaram por mudança ao longo do tempo. São exemplos: A) o conceito de “trabalho infantil”, há muito tempo existente, e só agora problematizado. B) O desconhecimento da palavra “reciclagem” em outros momentos históricos e C) a naturalização do riso das piadas preconceituosas. O professor de sociologia pode ser um parceiro importante nessa atividade.

✧ Competências gerais da BNCC: 1, 7 e 10. [EM13LP26]

9 No conto “Acabou, Norma, acabou”, o tom humorístico não esconde a temática da violência contra a mulher. Uma das personagens narra uma briga entre um casal de vizinhos e esclarece: não houve violência física, mas sim tortura psicológica. Andinho, companheiro de Norma, estava humilhando a mulher. Proponha que seja feita uma cartilha com as várias formas de violência contra a mulher. A participação do profissional de sociologia ajudará a realização dessa atividade.

✧ Competências gerais da BNCC: 3, 7, 9 e 10. [EM13LP26]

EM13LP13

Analisar, a partir de referências contextuais, estéticas e culturais, efeitos de sentido decorrentes de escolhas de elementos sonoros (volume, timbre, intensidade, pausas, ritmo, efeitos sonoros, sincronização etc.) e de suas relações com o verbal, levando-os em conta na produção de áudios, para ampliar as possibilidades de construção de sentidos e de apreciação.

EM13LP52

Analisar obras significativas das literaturas brasileiras e de outros países e povos, em especial a portuguesa, a indígena, a africana e a latino-americana, com base em ferramentas da crítica literária (estrutura da composição, estilo, aspectos discursivos) ou outros critérios relacionados a diferentes matrizes culturais, considerando o contexto de produção (visões de mundo, diálogos com outros textos, inserções em movimentos estéticos e culturais etc.) e o modo como dialogam com o presente.

EM13LP19

Apresentar-se por meio de textos multimodais diversos (perfis variados, gifs biográficos, biodata, currículo web, videocurrículo etc.) e de ferramentas digitais (ferramenta de gif, wiki, site etc.), para falar de si mesmo de formas variadas, considerando diferentes situações e objetivos.

EM13LP51

Selecionar obras do repertório artístico-literário contemporâneo à disposição segundo suas predileções, de modo a constituir um acervo pessoal e dele se apropriar para se inserir e intervir com autonomia e criticidade no meio cultural.

EM13LP03

Analisar relações de intertextualidade e interdiscursividade que permitam a explicitação de relações dialógicas, a identificação de posicionamentos ou de perspectivas, a compreensão de paráfrases, paródias e estilizações, entre outras possibilidades.

EM13LP29

Resumir e resenhar textos, por meio do uso de paráfrases, de marcas do discurso reportado e de citações, para uso em textos de divulgação de estudos e pesquisas.

EM13LP26

Relacionar textos e documentos legais e normativos de âmbito universal, nacional, local ou escolar que envolvam a definição de direitos e deveres - em especial, os voltados a adolescentes e jovens - aos seus contextos de produção, identificando ou inferindo possíveis motivações e finalidades, como forma de ampliar a compreensão desses direitos e deveres.

Pós-leitura

1 Para reforçar o caráter interdisciplinar das atividades propostas, indicar atividade em diálogo com as artes visuais e o professor da disciplina. Deverá ser feita uma pesquisa das obras do artista visual estadunidense Basquiat, personagem da crônica “Fela Kuti na Broadway”. A obra de Jean-Michel Basquiat mobiliza debates acirrados ainda hoje, mais de 33 anos após sua morte precoce aos 28 anos de idade. Feita a pesquisa, deverá ser organizada uma exposição com a reprodução de algumas de suas obras. É importante estabelecer uma parceria com a disciplina de artes.

✎ Competências gerais da BNCC: 1, 2, 3 e 6. [EM13LP46]

2 A reflexão sobre tolerância religiosa e diálogo inter-religioso passa pela construção de projetos que envolvam pensar sobre inquietações da juventude, vulnerabilidades dos jovens, bullying e respeito às diferenças e cidadania. Dessa forma, deve-se buscar um cartaz da internet a partir das palavras-chave “diálogo inter-religioso”. É preciso escolher aquele que apresentar o maior número possível de símbolos de religiões. Em seguida, propõe-se buscar símbolos de religiões brasileiras que não tenham sido contempladas no cartaz escolhido. Por fim, solicita-se que seja feito um novo cartaz, com os símbolos novos incluídos. As discussões motivadas pelo tema podem ser mediadas com a ajuda do profissional de sociologia.

✎ Competências gerais da BNCC: 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9 e 10. [EM13LP44]

3 A crônica “São três os meninos da minha rua”, é encerrada pela narradora com a suposição de que os três meninos descritos no texto devem ter os mesmos

sonhos. Sugerimos a construção do Mural dos Sonhos, em que cada estudante será convidado a fixar uma ficha em que terá escrito seu maior sonho/desejo na vida.

✂ Competências gerais da BNCC: 6 e 8. [EM13LP19]

4 A diversidade de linguagens artísticas contempladas no livro é grande. Para valorizar as manifestações apresentadas na obra e, com isso, promover a ampliação do repertório sociocultural dos estudantes, proponha a criação de uma *playlist* com algumas canções dos artistas mencionados. Pode-se sortear algumas delas para que o grupo ouça em conjunto. Caso sua escola conte com um profissional de educação musical, estabeleça uma parceria com ele.

✂ Competências gerais da BNCC: 2, 5, 6 e 7. [EM13LP20]

EM13LP46

Compartilhar sentidos construídos na leitura/escuta de textos literários, percebendo diferenças e eventuais tensões entre as formas pessoais e as coletivas de apreensão desses textos, para exercitar o diálogo cultural e aguçar a perspectiva crítica.

EM13LP44

Analisar formas contemporâneas de publicidade em contexto digital (advergame, anúncios em vídeos, social advertising, unboxing, narrativa mercadológica, entre outras), e peças de campanhas publicitárias e políticas (cartazes, folhetos, anúncios, propagandas em diferentes mídias, spots, jingles etc.), identificando valores e representações de situações, grupos e configurações sociais veiculadas, desconstruindo estereótipos, destacando estratégias de engajamento e viralização e explicando os mecanismos de persuasão utilizados e os efeitos

de sentido provocados pelas escolhas feitas em termos de elementos e recursos linguístico-discursivos, imagéticos, sonoros, gestuais e espaciais, entre outros.

EM13LP19

Apresentar-se por meio de textos multimodais diversos (perfis variados, gifs biográficos, biodata, currículo web, videocurrículo etc.) e de ferramentas digitais (ferramenta de gif, wiki, site etc.), para falar de si mesmo de formas variadas, considerando diferentes situações e objetivos.

EM13LP20

Compartilhar gostos, interesses, práticas culturais, temas/ problemas/ questões que despertam maior interesse ou preocupação, respeitando e valorizando diferenças, como forma de identificar afinidades e interesses comuns, como também de organizar e/ou participar de grupos, clubes, oficinas e afins.

APROFUNDAMENTO

A obra de Cidinha da Silva em seu conjunto e, especificamente *Oh, margem! Reinventa os rios!*, mostra seu pertencimento a duas importantes vertentes da discussão acerca da leitura literária: a da literatura como direito e da sua identificação com a literatura negra.

No entendimento do intelectual brasileiro Antonio Candido, a literatura é direito — incompressível diz ele, posto que “direito que não se pode negar a ninguém” (CANDIDO, 2014), pois “não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação”. (CANDIDO, 1988, p. 176). Segundo o autor, fabulação é importante por ser a capacidade, sem a qual não podemos viver, de elaborar a realidade pela via da imaginação.

A bibliotecária colombiana Silvia Castrillón dialoga com as ideias de Candido em seu livro *O direito de ler e de escrever* (2011). Para ela, não se pode ver a literatura como privilégio das elites e, daí, não deve ser associada à recreação, e também não pode ser entendida como obrigação a ser imposta pela escola. De acordo com essa perspectiva, é papel da escola apresentar a literatura e elaborar estratégias de conquista dos estudantes para a leitura. Dessa forma, um conjunto de atividades dinâmicas, envolventes, conectadas com a realidade, com o pensamento crítico e com práticas lúdicas é algo imprescindível para afetarmos os estudantes em sua formação como leitores literários.

Castrillón entende que o acesso a esse direito “permite o exercício pleno da democracia” (CASTRILLÓN, 2011, p. 18). Não se trata de atribuir à arte literária um papel redentor ou

formador de *bons sujeitos*, uma vez que “a leitura [do texto literário] não é boa nem ruim em si mesma”, mas é um “direito histórico e cultural e, portanto, político, que deve situar-se no contexto em que ocorre” (CASTRILLÓN, 2011, p. 18).

Cidinha da Silva refere-se à noção de direito à literatura em um dos textos de tom mais lírico da obra, “O dia em que o livro foi traje de gala”, ao mostrar o objeto como indumentária de um dia em que foi levado para a rua enquanto as pessoas exerciam a cidadania. No texto, não é ressaltado apenas o afeto de uma leitora, mas também o caráter político da leitura. Podemos entender que as práticas leitoras propostas na escola são parte de uma “política do livro”.

Pensando nesse caráter político das práticas leitoras é que nos vemos na necessidade de pensar sobre as temáticas e autorias prestigiadas nos programas de leitura. A preocupação com o tipo de conhecimento valorizado no processo de escolarização não é recente. Apple já discutia a natureza ideológica das disputas curriculares em seu *Ideologia e currículo*, cuja primeira edição é de 1979, e não foi, certamente, o autor estadunidense que estreou tal discussão.

Com a intensificação dos debates sociais na contemporaneidade, muitos conhecimentos antes entendidos como menos valiosos nesse terreno em disputa chegam ao centro. Assim, também a literatura está mobilizada nessa verdadeira peleja.

É nesse cenário que se reclama espaço para uma literatura invisibilizada, caso de *Úrsula*, romance de 1859, escrito pela primeira escritora negra brasileira de quem se tem notícia, Maria Firmina do Reis. Mesmo com tamanha importância, o romance vem sendo colocado no centro apenas há pouco tempo.

Nesse contexto, falamos agora da afiliação dos escritos de Cidinha da Silva à chamada literatura negro-brasileira. Vimos essa marca enunciada a partir da dedicatória do livro. Tal inscrição se fortalece em “Thriller”, conto onde brota a **Nascente** nesse livro que desenha o rio. O protagonista busca sobreviver após uma violência de que não somos informados. O leitor, assim como para os personagens com quem o jovem se encontra na luta pela vida, pode suspeitar que Onirê esteja ensanguentado por ter se envolvido como criminoso em algum conflito. O menino segue tentando convencer que não é bandido àqueles que reagem com desprezo ou medo. No caminho, durante o qual o protagonista relembra casos de vítimas reais de violência do Estado, encontra Barazinho. Ele é quem finalmente acena com esperança. Com a justificativa de ter aprendido com os pais que “é nós por nós”, Barazinho ensina o caminho do hospital ao jovem que não tem mais “sangue a perder”.

Diante do hospital, um novo e revelador encontro encaminha o desfecho. Um pipoqueiro escuta o que Onirê precisa que seja ouvido. Num ataque à sua escola, em que criminosos atacaram com armas de fogo e machadinhas, ele saiu ferido. Em seu ombro, está enterrada uma dessas machadinhas. Caso semelhante, ocorrido em Charqueadas / RS, foi noticiado pela imprensa em 2019.

O pipoqueiro, que vira morrer um jovem negro devido ao atendimento negligente pelo hospital, esforça-se para que Onirê não tenha o mesmo destino. Esse é o desfecho do conto, uma pequena nascente de esperança para o jovem ferido. É o início de uma obra que anuncia a que veio. Muitos dos demais contos e crônicas do livro voltam às temáticas negras,

sem se prender à violência como a única realidade dos afro-descendentes.

As escolhas temáticas de Cidinha da Silva estimulam os debates sobre negritude e sobre os subtemas dele resultantes. Optar por adotar *Oh, margem! Reiventa os rios!* para o Ensino Médio reforça uma visão crítica sobre o trabalho com a leitura. A esse respeito, de acordo com a antropóloga Michèle Petit: “O primeiro aspecto, o mais conhecido, é o de que a leitura é um meio para se ter acesso ao saber, aos conhecimentos formais e, sendo assim, pode modificar as linhas de nosso destino escolar, profissional e social.” (PETIT, 2008, p. 61).

Ao pensarmos no sentido da obra de Cidinha da Silva em relação aos temas propostos pela BNCC, vemos que “projetos de vida”, “inquietações da juventude”, “a vulnerabilidade dos jovens”, “bullying e respeito à diferença”, “protagonismo juvenil”, “cidadania” e “diálogos com a sociologia e com a antropologia” são fortemente contemplados, justamente porque podem proporcionar o que Petit (2008) chama de encontro que pode gerar mudança. Vejamos como a pesquisadora apresenta seu argumento:

Repito que é sempre na intersubjetividade que os seres humanos se constituem, e suas trajetórias podem mudar de rumo depois de algum encontro. Esses encontros, essas interações, às vezes, são proporcionados por uma biblioteca, quer seja um encontro com um bibliotecário, com outros usuários ou com um escritor que esteja de passagem. Podem ser também, certamente, encontros com os objetos que ali se encontram. Com algo que se aprende. Ou com a voz de um poeta, com o espanto de um erudito ou de um viajante, com o gesto de um pintor, que podem ser redescobertos e compartilhados de uma maneira muito ampla, mas que nos tocam de forma individual. (PETIT, 2008, p. 53).

O livro de Cidinha da Silva tem potencial para promover uma interação com vários dos elementos elencados por Petit que podem favorecer o encontro gerador de mudança. Ele colocará os estudantes em contato com a voz poética presente na prosa da autora, poderá levá-los ao contato com a poesia das canções vivas nos contos e nas crônicas, e os guiará na aproximação com as artes visuais.

Além disso, a via da interseccionalidade permite uma visão ampla dos problemas sociais que precisam ser conhecidos e sobre os quais se exige posicionamento dos jovens. De acordo com Carla Akotirene (2019), existe uma matriz colonial em que as relações de poder estão enredadas, de modo que não podem ser tratadas isoladamente. Por isso, para ela, tais relações:

Combinadas, requererão dos grupos vitimados instrumentalidade conceitual de raça, classe, nação e gênero; sensibilidade interpretativa dos efeitos identitários; atenção global para a matriz colonial moderna, evitando desvio analítico para apenas um eixo de opressão. (AKOTIRENE, 2019, p. 13-14).

O projeto que propomos aqui leva em conta a urgência de levar à juventude os temas presentes em *Oh, margem! Reinventa os rios*, bem como a necessidade de se propor um conjunto de atividades diversificadas e dinâmicas, que contemplem a criticidade apontada na BNCC e possam permitir fruição artística.

SUGESTÕES DE REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

1 Um romance recente voltado para o público jovem é uma excelente sugestão de leitura complementar. Trata-se do romance *O ódio que você semeia*, de autoria da escritora estadunidense Angie Collins.

É a história da adolescente Starr, que vive entre duas realidades, a da vida no bairro negro e da escola que frequenta, destinada a jovens brancos. No decorrer da narrativa, em meio a muitos conflitos, a protagonista se dá conta de elementos presentes na sociedade contemporânea, como injustiça e violência. O livro alcançou enorme sucesso editorial e gerou uma adaptação para o cinema, de mesmo título, dirigida por Gerge Tillman Junior.

2 O funk brasileiro, fortemente ligado à cultura do Rio de Janeiro, é uma manifestação cultural periférica, muitas vezes criminalizada. Suas raízes se relacionam ao funk e ao soul da cultura estadunidense. No documentário de curta duração *As galeras*, a jovem cineasta Juliana Portella, moradora da Baixa Fluminense, mostra depoimentos de personagens que viveram os bailes funk e também os que os pesquisadores pensam sobre eles. Entre as pessoas que participam do filme estão Júlio Ludemir, Adriana Facina, jovens da APAFUNK (Associação de Profissionais e Amigos do Funk) e muitos jovens negros periféricos, verdadeiros bailarinos dos bailes. A diretora buscou mostrar aspectos do funk que o coloquem para além da violência sempre associada a essa cultura.

Não é apenas Luli Arrancatella que pode levar ao desejo de assistir ao filme, mas toda inspiração periférica do livro combina com *As galeras*.

(Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Y7t67-57ocI>)

3 O povo brasileiro é belo, diverso e de origens múltiplas. Tal riqueza marca as narrativas de *Oh, margem! Reinventa os rios!* É disso também que trata a canção “Paratodos”, de Chico Buarque. Sua primeira estrofe diz muito sobre essa diversidade:

“O meu pai era paulista / Meu avô, pernambucano /
O meu bisavô, mineiro / Meu tataravô, baiano / Meu
maestro soberano / Foi Antonio Brasileiro”.

Para comemorar o dia da Independência, em 2020, o Museu do Ipiranga e o Sesc lançaram o videoclipe da música “Paratodos”, de Chico Buarque. A canção recebeu arranjo inédito de Carlinhos Antunes e Gabriel Levy para a OSUSP (Orquestra Sinfônica da USP) e CORALUSP, conta com participação das cantoras Anastácia, Kaê Guajajara, Negra Li e Tainara Takua e tem também a participação especial do próprio Chico Buarque. Fazem o *backing vocal* múltiplas e distintas vozes de pessoas que aparecem em pequenos retângulos, à maneira de fotos 3 x 4 que se movem.

(Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=McEjjqrNJEM>)

4 A plataforma online do MoMa, Museu de Arte Moderna de Nova Iorque, reúne exemplares da obra de Jean Michel Basquiat, artista negro estadunidense, personagem da crônica “Fela Kuti na Broadway”. Há dezenas de outros artistas representados no site.

Apreciar a arte de Basquiat, que iniciou sua produção como grafiteiro, é uma maneira de enriquecimento cultural e ampliação de repertório. Os demais conteúdos da plataforma também são interessantes. Registre-se o potencial interdisciplinar das artes visuais com a literatura.

(Disponível em: <https://www.moma.org/artists/370#works>)

5 Lima Barreto, assim como Cidinha da Silva, retratou subúrbios, personagens marginalizados, pessoas diversas e culturas plurais. Assim como ela, também retirou da crônica o caráter de gênero próprio de homens brancos apreciando a paisagem. Suas crônicas estão reunidas no volume *Toda crônica*, publicado pela editora Agir e também estão disponíveis gratuitamente no site Domínio Público (<http://www.dominiopublico.gov.br/>). Conhecer o autor e perceber pontos que o aproximam e pontos de distanciamento em relação à obra de Cidinha da Silva garantirá uma visão ampla da literatura brasileira.

BIBLIOGRAFIA COMENTADA

✧ AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Jandaíra, 2019.

No livro da coleção “Feminismos plurais”, coordenada por Djamila Ribeiro, Carla Akotirene apresenta os aspectos históricos que motivaram a criação, pela intelectual afro-estadunidense Kimberlé Crenshaw, durante a Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Formas Conexas de Intolerância, em Durban, na África do Sul, em 2001. Depois do evento, o conceito alcançou popularidade no meio acadêmico.

A ideia central da interseccionalidade é que a estrutura colonial sobrepõe mecanismos de opressão (patriarcalismo, racismo e classismo), o que nos leva à necessária análise das muitas formas de exclusão social a partir da interseção entre esses elementos. O livro é claro, objetivo e introdutório, mas nem por isso superficial.

✧ CASTRILLÓN, Silvia. *O direito de ler e de escrever*. São Paulo: Pulo do Gato, 2011.

Em *O direito de ler e de escrever*, a escritora colombiana Silvia Castrillón, ao discutir o modelo de biblioteca pública de seu país, que inspirou a criação das Bibliotecas Parque no Rio de Janeiro, faz uma reflexão importante sobre a Literatura como direito humano.

Tendo bebido na fonte das análises do brasileiro Antonio Candido, Castrillón busca entender os mecanismos de classe que excluem vários setores da sociedade dos aparelhos educacionais que desenvolvem alguma política de leitura. Uma análise comparativa das duas realidades permitirá aos educadores, além de refletir sobre suas práticas de formação de leitores, ter fundamentos para o debate curricular em literatura.

✧ CUTI. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

A Literatura, como todas as áreas de conhecimento escolares, é território de disputas — epistêmicas, estéticas,

políticas etc. Até mesmo o caráter literário é algo que passa por constantes impasses. A chamada literatura marginal, muitas vezes, é desqualificada pela crítica, quando relacionada a ativismo, sendo esse elemento, para essas pessoas, algo que descaracterizaria a literatura.

Nesse sentido, o livro de Cuti tem uma enorme utilidade, pois contribui para entender as diferenças entre classificações como literatura afro-brasileira, literatura negro-brasileira e literatura negrista, termos que, segundo Cuti, “não tanto faz”.

O autor, que é doutor em Literatura Brasileira pela Unicamp, tem importantes contribuições para a área, tendo fundado a iniciativa Quilombhoje e os “Cadernos Negros”.

✂ PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. São Paulo: 34.

A antropóloga Michèle Petit, pesquisadora do Laboratório de Dinâmicas Sociais e Recomposição dos Espaços, do CNRS, da França, reflete sobre algumas dimensões da experiência da leitura. O livro não se restringe à abordagem da leitura literária, pois fala de leituras diversas, com a capacidade comum de significar uma abertura para a linguagem do outro.

Os jovens e a leitura reúne quatro conferências em que, a partir de entrevistas com leitores da zona rural e jovens periféricos de grandes cidades francesas, a autora comprova a importância das bibliotecas públicas e de bibliotecários, mediadores de leitura e outros educadores nos processos de formação de leitores em contextos precarizados.

Não é um livro de autoajuda para educadores, em que à literatura seja atribuído um papel salvador, mas o potencial transformador da experiência leitora é colocado em evidência.

✂ GONÇALVES, Ana Maria. *Um defeito de cor*. Rio de Janeiro: Record, 2020.

Um defeito de cor é um romance épico brasileiro. Ao longo de 952 páginas, Kahede narra sua existência desde sua

infância, quando foi sequestrada com sua irmã, para ser escravizada no Brasil. Nas últimas páginas, a narradora, idosa e cega, procura o filho perdido ainda criança, vendido como escravizado pelo próprio pai, um português viciado em jogos.

A obra é uma saga que deveria ser referência na escola brasileira, pois recupera a história dos processos que fizeram do Brasil o último país a abolir a escravidão, os efeitos da diáspora africana e coloca no centro das atenções dois personagens brasileiros muito importantes: Luiza Mahin e Luis Gama. Seus nomes não são explicitamente citados, mas muitas pistas permitem entender a narrativa como vinculada à história de vida de ambos.

Temos no livro um modo ímpar de rever a história do Brasil, é a “história que a história não conta”, com espaço para a crueldade da escravidão, mas também para lutas históricas de resistência, além da possibilidade de se conhecer a pluralidade do próprio continente africano.

✂ PIRES, Paulo Roberto. *Exclusão Crônica*. *Revista Quatro Cinco Um*. São Paulo: Quatro Cinco Um, 2021.

Em “Exclusão crônica”, artigo de Paulo Roberto Pires, o gênero crônica é analisado como expressão própria de homens brancos de classe média, “olhando o mar”. Esse ponto de vista, de acordo com o autor, exclui as pessoas negras, não apenas como autoras, mas também como personagens. E, quando aparecem nos textos, muitas vezes, os estereótipos são determinantes. Assim, “A última crônica”, de Fernando Sabino, é analisada de acordo com essa argumentação.

Nela, Sabino se mostra espantado com o ar de confraternização de uma família negra, que come bolo e toma refrigerante. A ternura e a alegria do grupo afeta o cronista. O susto foi ter saído do lugar de mirada do mar, para olhar pessoas comuns, por acaso, num café.

Referências:

- AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Jandaíra. 2019.
- ALEIXO, Ricardo. Algo de físico na escrita, com Ricardo Aleixo. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=q5DkaBWceBg&t=58s>. Acesso em 28 fev. 2021.
- APPLE, Michael. *Ideologia e currículo*. São Paulo: Artmed, 2008.
- CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Duas Cidades; Ouro sobre Azul, 1988.
- CASTRILLÓN, Silvia. *O direito de ler e de escrever*. São Paulo: Pulo do Gato, 2011.
- CUTI. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. São Paulo: 34.
- PIRES, Paulo Roberto. Exclusão Crônica. *Revista Quatro Cinco Um*. São Paulo: Quatro Cinco Um, 2021.
- RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Jandaíra. 2020.
- TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato; SANTOS, Cristina Mielczski. *Lugares de fala, lugares de escuta mas literaturas africanas, ameríndias e brasileira*. Porto Alegre: Zouc, 2018.
- WERNECK, Humberto (Org.). *Boa Companhia: Crônicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.